

Pedintes nunca mais

Faço parte de uma geração de economistas brasileiros que viveram durante décadas atormentados por crises relacionadas ao desequilíbrio externo da economia. Éramos devedores renitentes, eternamente sujeitos à instabilidade econômica e às humilhações inerentes à situação de quem depende de outros para pagar suas contas. Em vários momentos, e mais recentemente no governo FHC, ficamos reduzidos à condição de pedintes internacionais, passando o chapéu no exterior para fechar o balanço de pagamentos do país.

Passou. A posição brasileira se transformou de maneira impressionante. Chegamos a viver anos de glória. Viramos até credores do FMI: emprestamos US\$ 14 bilhões durante o governo Lula — e estão nos pedindo mais US\$ 10 bilhões.

A euforia passou também. Estamos ainda longe das condições que nos levaram a crises cambiais, instabilidade e recessão. Mas a nossa posição já não é tão forte. E pior: vem se deteriorando com certa rapidez.

O superávit comercial veio caindo desde 2008 e virou déficit neste ano. O balanço de pagamentos em conta-corrente, que era superavitário em meados da década passada, também passou a registrar déficit expressivo e crescente. Não só a balança comercial, mas as contas relacionadas a turismo, transporte, remessas de lucros, entre outras, vêm registrando desequilíbrios maiores.

**Nossa posição
já não é tão
forte. E pior:
vem se
deteriorando
com certa
rapidez**

Para 2013, o Banco Central projeta um déficit em conta-corrente de US\$ 75 bilhões.

A posição externa brasileira ainda apresenta alguns aspectos fortes. A flutuação cambial é mais eficaz do que o câmbio fixo ou semifixo que tivemos em décadas anteriores. No regime de flutuação, a depreciação funciona, dentro de certos limites, como um mecanismo automático de correção do desequilíbrio externo.

Além disso, a elevada entrada de investimentos diretos estrangeiros, uma forma relativamente estável de capital externo, ainda cobre a maior parte do déficit corrente. E mais importante: o nível de reservas internacionais do Brasil é bem mais alto do que o que tivemos no passado. Nos últimos dez anos, as reservas subiram de cerca de US\$ 50 bilhões para US\$ 370 bilhões. Esse estoque de ativos líquidos em moeda estrangeira constitui poderoso instrumento de autoproteção e preservação da autonomia nacional.

Mesmo assim, preocupa a deterioração recente das contas externas. Os nossos pontos fortes não representam garantia completa. A depreciação cambial afeta a inflação e pode se tornar desestabilizadora. As reservas podem sofrer queda acentuada se houver rápida conversão em moeda estrangeira de ativos financeiros líquidos em reais.

O quadro mundial é instável e não podemos baixar a guarda. A última coisa que um economista da minha geração gostaria de reviver é a volta do país a uma situação de fragilidade externa. ●

Paulo Nogueira Batista Jr. é economista e diretor executivo pelo Brasil e mais dez países no Fundo Monetário Internacional, mas expressa os seus pontos de vista em caráter pessoal.